

# Artista do lápis: as ilustrações de Eduardo de Araújo Guerra no periódico *Cabrion*. Pelotas, 1879-1881

Pencil artist: Illustrations of Eduardo de Araújo Guerra in the periodical *Cabrion*. Pelotas, 1879-1881

Aristeu E.M. Lopes<sup>1</sup>  
aristoriaufrgs@yahoo.com.br

---

**Resumo.** A cidade de Pelotas, na Província do Rio Grande do Sul, foi um dos principais centros urbanos do Brasil no século XIX. O desenvolvimento econômico possibilitou uma atividade jornalística bem desenvolvida, integrada pelos jornais diários, ilustrados e literários, revistas e almanaques. Entre os destacados, o periódico *Cabrion* foi um dos principais expoentes. Na parte ilustrada desse jornal, atuou o caricaturista Eduardo de Araújo Guerra, que se tornou polêmico, na época, pela sátira de suas ilustrações. Um dos objetivos deste artigo é analisar a atuação do artista no periódico. O estudo pretende investigar as ilustrações destinadas a outros jornalistas, trabalho representativo das temáticas que nortearam a vasta produção desse desenhista.

**Palavras-chave:** imprensa ilustrada, humor, Pelotas, século XIX.

**Abstract.** The city of Pelotas in Rio Grande do Sul province was one of the major urban centers in Brazil in the nineteenth century. The economic development provided a significant progress in press. Daily literary and illustrated newspapers, magazines and almanacs are part of this developed press. One of the most important was the newspaper *Cabrion*. Cartoonist Eduardo de Araújo Guerra became polemical due to his sarcastic pictures. This article aims to analyze his activities, especially related to subjects dealing with his pictures addressing other journalists.

**Key words:** illustrated press, humor, Pelotas, nineteenth century.

---

## Considerações iniciais

O jornalismo no Brasil se desenvolveu somente após a chegada da Família Imperial Portuguesa, em 1808, com a fundação da Imprensa Régia. Nos anos 1820, os primeiros jornais publicados fora da alçada oficial desempenharam um papel importante no processo político, o qual culminou na Independência do Brasil e nos posteriores desdobramentos da vida política do recém proclamado Império. Circulando concomitantemente ao jornalismo diário, surgiram vários pequenos jornais publicados semanalmente, os quais se identificavam como

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutorando em História na mesma instituição. Bolsista CNPq. Professor substituto do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande.

ilustrados, literários ou humorísticos. Com as técnicas da gravura, alguns desses periódicos passaram a contar com mais uma aliada à realização das críticas: a caricatura, que permitiu conjugar a atração visual do desenho com o humor (Sodré, 1983, p. 202). O primeiro jornal que alcançou notoriedade foi *Lanterna Mágica*, de Manoel de Araújo Porto Alegre, que circulou por alguns meses do ano de 1844 no Rio de Janeiro. Nesse periódico, atuaram, como caricaturista, Rafael Mendes de Carvalho e, como escritor, Araújo Porto Alegre (Lima, 1963, p. 83).

A partir da segunda metade do século XIX, a imprensa ilustrada brasileira teve um maior desenvolvimento mediante o surgimento de vários periódicos ilustrados nos principais centros urbanos brasileiros. Em parte, esse impulso foi possibilitado pelo melhoramento das técnicas de impressão, como também pelo aumento do público leitor (Saliba, 2002, p. 38). A cidade de Pelotas, localizada no extremo sul da Província do Rio Grande do Sul, foi uma dessas cidades. O desenvolvimento urbano foi proporcionado pelo impulso econômico advindo da mão de obra escrava utilizada nas charqueadas, o que possibilitou o incremento das atividades culturais, incluindo a imprensa.

Entre os jornais ilustrados que circularam em Pelotas, o *Cabrion* foi um dos que mais se destacaram. Veiculado entre os anos de 1879 e 1881, acompanhou a vida pelotense, abordando-a nas suas páginas de humor e de crítica social. O periódico foi o resultado da parceria entre dois artistas: Eduardo Chapon e Eduardo de Araújo Guerra, ambos imigrantes que se instalaram em Pelotas nos anos 1870. Acompanhar a atuação desse periódico dentro do conjunto da imprensa ilustrada brasileira do século XIX e do jornalismo sul-rio-grandense é o objetivo imediato deste artigo. O que se pretende é analisar a atuação de Eduardo Araújo Guerra no periódico e, a partir de uma temática específica abordada por ele nas páginas e ilustrações do periódico, as suas relações conflituosas com os jornalistas da cidade de Pelotas e com os caricaturistas da cidade vizinha de Rio Grande, rivais no ramo da imprensa ilustrada.

A participação de Guerra no jornalismo produzido em Pelotas no século XIX exemplifica o nível de desenvolvimento das atividades da imprensa pelotense, embora distante do centro do Império, o Rio de Janeiro. O número de jornais que circulou ao longo do século XIX foi grande. Em especial, nos anos de 1880, registrou-se, no Brasil, um aumento significativo da circulação de diversos tipos de jornais, publicados quase que concomitantemente, fato que aumentou a disputa pelo público-leitor. Os jornais de ilustrações se difundiram pelo Império como “uma das formas de expressão mais festejadas do período, sobretudo pela pena

dos estrangeiros, que anteviram, no jovem país, oportunidade para seus talentos” (Martins e Luca, 2008, p. 66). O *Cabrion* foi um desses jornais, e Eduardo Guerra integrou o grupo dos artistas estrangeiros que se tornaram homens empreendedores em seu tempo, à frente de suas publicações.

## Cabrion: a “guerra” de Eduardo Guerra

O *Cabrion* se apresentava como folha ilustrada, a qual trata de assuntos políticos e sociais. Foi publicado em pequeno formato (22 x 32cm), com circulação semanal, e composto por oito páginas. A forma de apresentação do periódico seguia o modelo adotado pelos jornais congêneres do século XIX, sobretudo, os do Rio de Janeiro. O nome *Cabrion*, por exemplo, foi uma derivação de *Cabrião*, publicado por Angelo Agostini<sup>2</sup> no início de sua carreira na Província de São Paulo. Na primeira página, apresentava um cabeçalho bem concebido com as informações sobre a sede do jornal e os valores das assinaturas. A técnica utilizada na realização das ilustrações era a litografia (Andrade, 2004, p. 84). A segunda e a terceira páginas eram preenchidas com editorial, notícias da semana, artigos com assuntos diversificados, crônicas e cartas. A sexta e a sétima páginas concentravam, em especial, a parte literária do jornal: publicavam-se contos, poesias, romances, sonetos, charadas, piadas e logogrifos; em grande parte, essas produções pertenciam a literatos e poetas locais, como Francisco Lobo da Costa e Bernardo Taveira Junior.

Já as ilustrações ocupavam metade do jornal; eram destinadas a elas a quarta, a quinta e a oitava páginas. Luiz Teixeira (2001, p. 17) destaca que as charges dos periódicos fluminenses, na Monarquia, se notabilizaram pelo “engajamento político, pluralidade de quadros e abundância de textos”, marcada pela quadrinização “sincronizada no tempo e ordenada no espaço”. Concepção semelhante foi averiguada na imprensa ilustrada pelotense, que utilizava esse recurso para noticiar com um tom diferenciado da imprensa diária. Muitos dos assuntos eram abordados numa espécie de história em quadrinhos, ou seja, a temática era apresentada em quadros preenchidos por ilustrações acompanhadas de legendas. Em outros casos, eram apresentados vários quadros, cada um com um assunto diferente. Geralmente, a quarta e a quinta páginas eram divididas, cada uma das duas, em dois quadros; e a oitava, em três.

O nome do periódico foi uma adaptação de um dos personagens do romance *Mistérios de Paris* de Eugène Sue (1991). No enredo, *Cabrion* era um

<sup>2</sup> Angelo Agostini foi um dos caricaturistas do século XIX que alcançou notoriedade com a veiculação de seus periódicos. Após uma passagem pela Província de São Paulo, atuou no Rio de Janeiro, destacando-se na produção de ilustrações publicadas na *Revista Ilustrada*. Um estudo sobre sua biografia e sua produção artística foi realizado por Balaban (2005).

pintor travesso que perturbava o personagem Pipelet. Publicado originalmente no *Journal des Debats*, entre junho de 1842 e outubro de 1843, o romance recebeu grande notoriedade não só na França, como em outros países<sup>3</sup>. No Brasil, foi publicado no folheto do *Jornal do Comércio*, a partir de 1º de setembro de 1844 (Balaban, 2005, p. 99). Como já abordado, ele serviu também para intitular o periódico de Angelo Agostini veiculado na década de 1860, em São Paulo. A adaptação de nomes da literatura ou derivados de periódicos estrangeiros foi comum no século XIX. Agostini, por exemplo, intitulou seu segundo jornal, o *Diabo Coxo*, inspirado no romance de Alain-René Lesage, *Le Diable Boiteux*, publicado em 1707 (Cagnin, 2005, p. 14). Enquanto a sua *Revista Ilustrada* foi derivada do nome *Illustration Française*, revista de sucesso publicada em Paris (Martins, 2001, p. 78). O título do periódico pelotense pode ter sido uma readaptação do personagem do romance de Sue ou, então, adotado do jornal de São Paulo. Este, apesar de ter uma vida efêmera, tornou-se conhecido na época e, talvez, sua fama tenha chegado a Pelotas. Esperando obter o mesmo sucesso daquele, os caricaturistas pelotenses resolveram dar a seu periódico o mesmo nome.

O *Cabron* era propriedade da Sociedade Guerra e Chapon, que reunia o francês Eduardo Chapon e o português Eduardo de Araújo Guerra, sócios na oficina litográfica, a qual também sediava a redação. Localizou-se, primeiro, à Rua São Miguel, nº 87 e, depois, transferiu-se para a Rua do Imperador, nº 127; mais tarde, para a Rua General Neto, na quadra entre as ruas São Miguel e General Vitorino. A impressão era realizada pela tipografia do *Jornal do Comércio*. A parte ilustrada era produzida sob a responsabilidade artística de Eduardo de Araújo Guerra, desenhista e encarregado também pela direção literária. Eduardo Chapon, além do seu trabalho de litógrafo<sup>4</sup>, exercia a administração do periódico (Ferreira, 1964, p. 200). A redação ficou a cargo de Colimério Leite, pelo menos, entre setembro e dezembro de 1879; após a saída dele, conforme aviso, a redação foi assumida por “outro cavalheiro não menos habilitado” (*Cabron*, 1879a)<sup>5</sup>.

Em seu primeiro número, Guerra e Chapon relataram que o aparecimento do jornal somente foi possível após o término do periódico *Abelha*, seu antecessor, chamado por eles de “odioso inseto” (*Cabron*, 1879b). No número seguinte, numa pequena nota, declaravam que a empresa não estava ligada à extinta empresa do *Abelha*: “Com o passado da *Abelha* não podemos ser solidários, desde que a marcha que traçamos ao nosso jornal é abso-

lutamente diversa daquela seguida por tão inconveniente órgão” (*Cabron*, 1879c).

Eduardo Chapon e Eduardo Guerra utilizaram a sátira social para tratar dos mais variados assuntos que nortearam a sociedade pelotense. Para eles, tudo e todos eram passíveis de suas críticas e ilustrações caricaturais. Dessa forma, a política da época não passou despercebida e serviu de inspiração para a criação de caricaturas e desenhos humorísticos ao longo de todo o período abrangido. O periódico surgia em Pelotas concomitante ao momento inicial dos anos 1880, que se caracterizou por debates políticos e agitações populares, encontrando, no jornalismo mais opinativo, um meio para ampliar e desenvolver essas discussões (Barbosa, 2007, p. 16). O *Cabron* não foi uma exceção e, em seu editorial de apresentação, esclarecia seus objetivos, opinava e colocava sua posição em relação à política:

*Desprezando a política de campanário, a falsa política que amesquinha caracteres e degrada a opinião, o Cabron será severo apreciador dos atos de todos os partidos e de seus pró-homens.*

*E rirá o Cabron em face de tudo e de todos, mas rirá sem ferir, sem o motejo dos petulantes, sem o escárnio maligno e estúpido dos comediantes sociais.*

*Exercerá a crítica nos limites da decência, a crítica que castiga, mas não magoa, - diverte, mas não provoca expansões de ódio (Cabron, 1879b).*

No número três, o periódico homenageou Gaspar Silveira Martins, “o político invulnerável pelo talento, pela honestidade e pela coragem” (*Cabron*, 1879d, p. 2). Na sequência do texto, era afirmado que o *Cabron* “não tem política”, ou seja, “Hoje, cobre de flores o caminho por onde pisa Silveira Martins; amanhã, terá a mesma tarefa em honra a algum de seus dignos adversários políticos. A justiça deve ser distribuída igualmente” (*Cabron*, 1879d, p. 2). Nesse pequeno texto, o responsável evidenciava que o periódico não estava alinhado politicamente a nenhum partido, permanecendo assim com essa posição até o encerramento de suas atividades. Nos números seguintes, apareceram, conforme advertia a passagem acima, outros políticos, por exemplo, o republicano Saldanha Marinho, chamado de “chefe da democracia brasileira” (*Cabron*, 1881a). Cabe destacar, contudo, que os políticos eram constantemente satirizados, inclusive Silveira Martins. Na maioria dos casos, eles eram criticados devido a alguma decisão tomada, ou à falta dela, fosse ele conservador ou liberal, ou, ainda, republicano.

<sup>3</sup> Sobre Eugène Sue, sua obra e o personagem Cabron ver Mayer (1996).

<sup>4</sup> Enquanto Guerra concebia os desenhos, Chapon trabalhava na pedra litográfica, ou seja, transferia as ilustrações de Guerra para o papel.

<sup>5</sup> Visando à melhor compreensão das citações dos textos do jornal, a grafia foi atualizada.

No que tange às questões republicanas, o *Cabron* tratou-as timidamente, provavelmente porque as discussões ainda estavam tomando corpo no início da década, a partir das recentes fundações dos clubes e partidos na Província e em Pelotas. Ao noticiar a campanha eleitoral de 1880, o periódico afirmou não pertencer a nenhum dos grupos que “se digladiam na arena [...] política do país”<sup>6</sup> (*Cabron*, 1880a), inclusive àquele dos republicanos. Na sequência do artigo, atestam: “Também não estamos filiados ao credo dos sectários da ideia nova que se arrasta pelos rinks [...] a pretexto de discutirem o feitio da alavanca que tem de abalar pelos alicerces este meio social que preocupa os espíritos mais ousados do século” (*Cabron*, 1880a). Nas citações do artigo, algumas palavras e expressões foram utilizadas com o sentido original distorcido, pois se percebe que, implicitamente, o republicanismo pode ser traduzido nas palavras “credo” e “ideia nova”; a propaganda republicana está relacionada com a palavra “alavanca”, enquanto os republicanos são identificados pelas expressões “sectários” e “espíritos mais ousados”.

O *Cabron*, ao longo dos seus três anos de circulação, não obteve posições políticas definidas. É possível avaliar que, nas páginas desse periódico, os desdobramentos políticos foram tomados mais no sentido de criticá-los e satirizar os personagens envolvidos com eles do que para defender uma posição. Eduardo Guerra pautou-se mais numa produção artística genérica e voltada para o humor do seu público leitor do que numa apresentação apaixonada, no que se refere às atividades políticas no geral e, em especial, republicanas.

Apesar do periódico não se ter envolvido em conflitos políticos, o caricaturista Eduardo Guerra iniciou uma “guerra” com caricaturas mais audaciosas e envolveu-se em polêmicas com outros jornalistas. A posição mais aguerrida do caricaturista se deu, sobretudo, após a saída de seu companheiro Eduardo Chapon. Na edição de 25 de julho de 1880, anunciava-se a dissolução amigável da sociedade, ficando o ativo e o passivo da oficina sob a responsabilidade de Chapon. No mesmo número, Guerra divulgava sua transferência para Porto Alegre, onde continuaria com a publicação do *Cabron*. Logo, a folha permaneceria sendo distribuída regularmente em Pelotas, sob o comando de Chapon (*Cabron*, 1880b). Isso não se concretizou e a publicação do jornal continuou em Pelotas. Conforme Ferreira (1971, p. 326), tratou-se apenas de um pretexto encontrado por eles para comunicar a dissolução da empresa, pois, somente em setembro de 1881, Eduardo

Guerra se muda para Porto Alegre a convite de Miguel de Werna, encerrando a publicação do *Cabron*.

Logo após a declaração, iniciou-se a veiculação de uma propaganda da Litografia Parisiense, propriedade de Eduardo Chapon<sup>7</sup>. Embora não conste a referência do estabelecimento no qual as ilustrações do *Cabron* passaram a ser concebidas, após o fim da sociedade, acredita-se que, provavelmente, elas continuaram a ser desenvolvidas na oficina litográfica de Chapon. Contudo, essa era apenas uma das atividades desenvolvidas pela litografia, sob a responsabilidade de Guerra pela veiculação das imagens.

Eduardo Guerra fez do jornal uma ferramenta para criticar intensamente a sociedade da época e tornou-se odiado na cidade por suas caricaturas audaciosas, que envolviam pessoas importantes da sociedade: “não raro, o caricaturista cometia graves indiscrições. Pondo o olho em buracos de fechadura, enfiando o nariz em frestas de portas, colando a orelha em tabiques de alcova, frequentemente vinha cá fora propalar o que vira, farejara e escutara...” (Ferreira, 1964, p. 203). Além das críticas sociais, envolveu-se em graves desentendimentos com outros jornalistas. As principais discórdias foram com a redação do *Marui*, publicado na vizinha cidade de Rio Grande, especialmente com o caricaturista e proprietário Henrique Marcos Gonzáles e o redator Silvino Vidal, e com Antonio Joaquim Dias, proprietário do jornal diário *Correio Mercantil*, publicado em Pelotas.

O periódico *Marui* iniciou sua circulação em janeiro de 1880 e tornou-se um concorrente do *Cabron* que, apesar de publicado em Pelotas, também era distribuído em Rio Grande. Tal afirmação é possível, em vista de se ter verificado um editorial do *Cabron*, que noticiou a declaração do correspondente em Pelotas, da folha adversária, afirmando não querer entrar em concorrência com o colega. A redação do jornal pelotense, por sua vez, declarou que, de fato, não era possível, pois “não temos aspirações a *publicista* ou *folhetinista*, nem tão pouco andamos pelas esquinas *inculcando* mérito que não possuímos” (*Cabron*, 1880c). Assim sendo, o periódico aceitou a declaração do “talentíssimo” e “inteligentíssimo” correspondente.

As agressões realizadas por meio de textos e caricaturas eram respondidas pelo jornal adversário, que fazia novas provocações: “Olhem lá a piada que ele soltou-nos no número passado. Leiam o que nós escrevemos e o que ele respondeu, tirem os 9, 9, 9 fóra (sic) e refram-nos quem tem razão” (*Marui*, 1880). No entanto, as discórdias deixaram a “virtualidade”, e saíram das páginas dos periódicos para se transformar em agressões reais: “Do Rio Grande

<sup>6</sup> O itálico era usado nos periódicos num tom de metáfora ou sátira. Todas as citações dos periódicos que assim aparecerem ao longo do texto também estão incluídas na mesma situação.

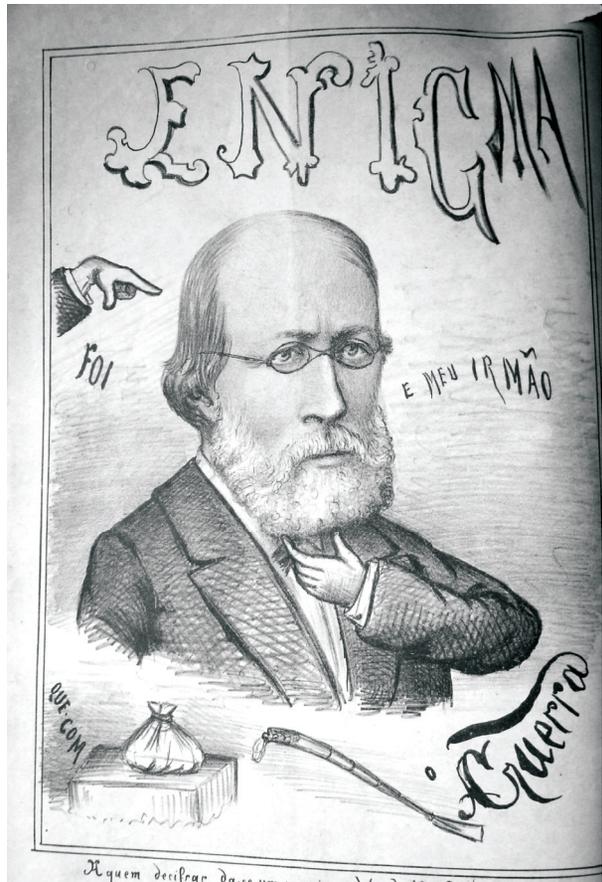
<sup>7</sup> Eduardo Chapon lançou, em 1887, outro periódico ilustrado, intitulado *A Ventarola*, mantido até o final de 1889. Sobre ele e o periódico ver Lopes (2007).

participaram-nos que na noite de domingo passado, no mercado, houve uma *copiosa chuva* de chicote, sendo o *pelego* do Gonzalez Marui o *pote* destinado a apanhá-la” (Cabron, 1880d). Não tardou muito para que o mesmo ocorresse com o caricaturista pelotense; num artigo intitulado Covarde agressão, Eduardo Guerra relatava o atentado que sofreu:

*Na noite de terça-feira, 2 do corrente, pelas 8 horas, ao passar pela rua Andrade Neves, [...] fui traiçoeiramente acometido por um indivíduo desconhecido que, encostando a mim o cavalo em que montava, o qual apenas levemente tocou-me no ombro; sem dúvida, porém, covarde como aqueles que o mandaram, deitou logo a fugir ao ver que não me encontrara desprevenido. Quanto aos miseráveis que tão vilmente utilizaram-se de capangas para saciarem seus desejos vingativos, fiquem certos que há muito eu esperava qualquer incidente desagradável, e convençam-se mais que perfeitamente sei de onde partiu a trama e desafios formalmente a virem sem máscaras provocar-me em lugar onde eu possa marcar-lhes a desbotada face com a ponta da botina (Cabron, 1880e, grifo do jornal).*

Ainda nesse número, o periódico publicou outro artigo intitulado “simples cavaco” no qual afirmava que o “O último número do *Marui* esteve na altura da gatinha que o dirige! Com aquela *amabilidade* própria de arrieiros, atiraram-nos quantos epítetos ofensivos e grosseiros encontraram no vocabulário das quitadeiras do mercado” (Cabron, 1880e). Já na página oito, foi publicado um “enigma” (Figura 1).

No desenho do *Cabron*, a figura de destaque é um senhor de barba, de óculos e com uma gravata; a posição do braço à altura do pescoço estabelece um ar de eloquência. No entanto, esse senhor é apontado por uma mão, no canto superior esquerdo do desenho, que o acusa de ser o responsável pelo atentado sofrido pelo caricaturista. Na parte inferior do desenho, três elementos dão respaldo à acusação: um saco, que, seguramente, refere-se ao dinheiro recebido como pagamento à execução da emboscada; o instrumento usado para atacar o agredido, representado por um chicote e, por fim, o sobrenome do agredido: Guerra. Já que se tratava de um enigma, não foi revelado quem era o homem colocado no desenho, contudo, tratava-se ou do mandante ou do executante do atentado. Com a observação dos itens que compõem a imagem e das palavras colocadas entre eles, foi possível “decifrar” a frase: “Foi eu e meu irmão que com dinheiro chicoteamos o Guerra”. O prêmio, para quem decifrasse o mistério, variava entre 16\$000 e 20\$000, valor correspondente a uma assinatura anual do periódico. No entanto, nenhum dos dois periódicos



**Figura 1.** Enigma. Legenda: A quem decifrar dá-se um prêmio no valor de 10 a 20\$000.

**Figure 1.** Enigma. Caption: To the person who deciphers this, it will be given a prize worth from 10 to 20\$000.

Fonte: Cabron (1880f, p. 8). Acervo: Biblioteca Pública Pelotense/Pelotas-RS.

responsabilizou o adversário pelos atentados e os textos veiculados não revelaram nomes. A imprensa diária pelotense não noticiou nenhum dos atentados.

Os desentendimentos com o *Marui* continuaram ainda por vários números. Numa das ilustrações, o redator Silvino Vidal e o proprietário Henrique Gonzalez apareceram metamorfoseados em patos (Figura 2). Nesta, Eduardo Guerra se colocou como um dos personagens que compõem o desenho humorístico. Ele é representado pelo homem de cartola, que traz embaixo do braço o seu instrumento de trabalho: o *crayon*. Ele, com um riso desabrido que o obriga a apoiar uma das mãos no joelho, debocha do redator e do proprietário do *Marui*, os quais aparecem transformados, conforme a legenda, em patos. Os olhos de ambos estão vedados, e eles encaminham-se em sentidos opostos, ou seja, Guerra tentava passar ao leitor do *Cabron* que os responsáveis pelo jornal adversário estavam desorientados: cegos e sem rumo e, portanto, sem credibilidade nas acusações impetradas contra o periódico pelotense.



**Figura 2.** Patos do Maruí. Legenda: Patos há muitos, por exemplo os do maruí!...

**Figure 2.** Ducks of Maruí. Caption: There are many ducks, such as the maruí ones!...

Fonte: Cabrion (1880g, p. 3). Acervo: Biblioteca Pública Pelotense/Pelotas-RS.

Contudo, Guerra deixou de satirizá-los para iniciar uma nova batalha, dessa vez contra Antonio Joaquim Dias. Este jornalista tornou-se uma figura conhecida na cidade, por meio das polêmicas geradas com os outros colegas e pelas suas ações beneméritas. Entre outras, destacou-se pela fundação do Asilo de Mendigos e a participação como sócio fundador da Biblioteca Pública Pelotense (Loner, 1998, p. 8).

O *Cabrion* publicou algumas caricaturas que focalizavam Dias, no entanto, os desentendimentos se intensificaram, sobretudo, após a veiculação de uma matéria na folha ilustrada, tratando de algumas “graçolas do *Sulpício*”. Já num outro artigo intitulado “Como o mondongueiro e garoto Dias”, Eduardo Guerra relatava que ele o procurou na Praça Pedro II para tirar satisfações sobre o conteúdo publicado no periódico. Indignado, Guerra assinalava que Dias somente procurou o lugar mais frequentado pela sociedade pelotense para “desrespeitar a moral pública” e “adquirir foros de valentão”. Ao longo de seu comentário, o caricaturista enumerou uma série de predicados para se referir ao adversário:

*Não é de estranhar que apareça um covarde, um desgraçado, que por mais de uma vez tenha-se achado dentro do gradil da cadeia, por ladrão, capacho, desordeiro, e, finalmente, por ser um desgraçado, carrasco, um garoto indecente e indigno de viver em sociedade. [...]*

*E uma vez escorraçado de Rio Grande veio para Pelotas pedir compaixão para um desgraçado. Dispensou-lhe,*

*pois, este generoso público e, no entanto, apresenta-se ele hoje, o mendigo d'outrora, o mondongueiro, o carrasco, o cínico, e miserável capacho, num dos lugares mais populares desfeiteando todos aqueles que dele tiveram comiseração (Cabrion, 1881b).*

Esses insultos e outros, como a acusação de ladrão e de moedeiro falso, colocados todos em apenas um artigo, seriam suficientes para Antonio Joaquim Dias mover um processo judicial contra o caricaturista, fato que não ocorreu. Guerra parecia não se importar muito com represálias das quais poderia vir a ser vítima, uma vez que continuou, nos números posteriores, usando dos mesmos artifícios para denegrir o colega jornalista. Em junho de 1881, Antonio Joaquim Dias sofreu um atentado assim relatado pelo jornal diário *A Discussão*, baseado no texto que o agredido publicou no *Correio Mercantil*:

*Vindo o Sr. Dias pela rua de São Miguel depois de passar à porta da casa dos Srs. Dias e Simões junto ao Hotel Alliança, foi pelas costas e traiçoeiramente agredido por um indivíduo de bigode, [...] o qual lhe descarregou um pancada com cabo de arreador, na cabeça do lado esquerdo, produzindo um ligeiro ferimento (A Discussão, 1881).*

Nessa época, Dias estava enfrentando oposição não só do *Cabrion*, como também do *Diário de Pelotas*, além de outros desafetos. Portanto, não se deve aludir a Guerra como o autor do atentado, uma vez que o agredido não confirmou quem fora o agressor e nem, caso houvesse, o mandante. Conforme *A Discussão*, em trecho da mesma matéria, “não temos expressões bastante para profligar esse ato, cujo autor ignoramos” (*A Discussão*, 1881). Longos artigos, piadas, poesias e uma vasta produção de caricaturas foram veiculados até o encerramento da folha, quase um mês após o atentado. No último número do *Cabrion*, apareceu uma cronologia que abordava os principais “feitos” de Dias, destacando suas atividades de “mondongueiro”, “moedeiro falso” e “ladrão” (*Cabrion*, 1881c).

Nas caricaturas, Dias apareceu com corpo pequeno, enorme cabeça e orelhas de burro, ou, ainda, metamorfoseado: cabeça com grandes orelhas e corpo de animal. As transformações grotescas calcadas no disforme sinalizam os limites da monstruosidade, revelando uma “mesclagem de atributos [que] dá lugar a criaturas repulsivas, medonhas ou desbragadamente cômicas” (Leite, 1996, p. 29). A imagem de Dias, que o periódico tentou passar ao público leitor, foi justamente essa, ou seja, de uma criatura repulsiva, mas, ao mesmo tempo, cômica (Figura 3).



**Figura 3.** Predicados de Antonio Joaquim Dias. Legenda: Eis aqui os predicados do garoto Dias do *Correio*. Desculpem-nos Sr. assinantes. Manchamos a página de nossa folha.

**Figure 3.** Antonio Joaquim Dias's attributes. Caption: Here are the attributes of the Dias boy from *Correio*. Sorry, subscribers. We have stained our sheet.

Fonte: *Cabrion* (1881b, p.4-5). Acervo: Biblioteca Pública Pelotense/Pelotas-RS.

A ilustração trata de uma metamorfose e apresenta, nas diversas posições, alguns “predicados do Sr – Dias – do Correio”. Essas insinuações podem ser relacionadas com o conteúdo do artigo que expunha as “qualidades” do jornalista. O primeiro predicado “a todo momento” (imagem superior) se referia às matérias publicadas por ele no *Correio*. Os demais são: “quando recém-chegado” o qual refere, certamente, quando Dias chegou a Pelotas, de Rio Grande (imagem inferior, no centro); “quando lacaios”, referência ao primeiro emprego na oficina tipográfica do *Diário de Rio Grande* (na imagem em que ele abana o rabo); “quando companheiro de José Lopes” (na imagem de chapéu e com arma). O caricaturista pede desculpas aos leitores, pois “[...] manchamos a página de nossa folha”. A frase possui um duplo sentido, pois, além de se referir aos vários borrões colocados após a concepção dos desenhos, as manchas também são relacionadas à própria imagem de Dias, a qual sujava, “manchava” a página do periódico.

Antonio Joaquim Dias foi, outra vez, motivo das ilustrações do *Cabrion*. Dessa vez, pela morte de um escravo chamado Jeronymo que, conforme o periódico, era uma vítima da escravidão, vista como um mal que assolava a sociedade. Embora publicado num período ainda distante do auge da campanha abolicionista, que se fortaleceria nos anos finais da década de 1880, o periódico não deixava de expor a sua opinião. A veiculação de notícias, enfatizando e condenando o caso do escravo pelotense, colocou o jornal entre aqueles que, posteriormente, tiveram um papel importante na veiculação de crônicas e matérias que retratavam e combatiam a sociedade escravista, na medida em que a campanha abolicionista ganhava as ruas. O jornal *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio, exemplifica a luta para eliminar a mancha que impedia o Brasil de se tornar um país civilizado (Machado, 2006, p. 143-144).<sup>8</sup>

<sup>8</sup> O Jornal literário *A Penna*, publicado nos primeiros meses de 1884, em Pelotas, tinha como principal objetivo angariar fundos para alforriar escravos. *A Ventarola*, o outro periódico ilustrado pelotense, também se posicionou combativo à escravidão.

A ilustração, publicada na primeira página do dia 03 de abril de 1881, trazia uma cruz na qual estava escrito “Aqui jaz o infeliz Jeronymo, vítima do cancro social que civiliza o nosso país”. A imagem também apresentava alguns instrumentos usados nos castigos aos escravos e quatro gozoes, dois de costas e dois ao lado (Figura 4).

Conforme o Jornal, o escravo Jeronymo foi açoitado até a morte por Manoel Oliveira, capataz da charqueada do Sr. Paulino Leite. O mandante do crime foi o Sr. Antonio Leite, irmão do Sr. Paulino, este o proprietário do escravo (*Cabron*, 1881d). O assassinio teve grande repercussão na sociedade pelotense e foi motivo para longos debates entre os jornalistas da imprensa pelotense. O único algoz mostrado na imagem referida acima é Dias, o qual trazia na mão um papel com a inscrição: “Correio Mercantil, defensor perpétuo de infâmias”.

Eduardo Guerra assegurava, pelas páginas do periódico, que Dias tornou-se o defensor de Paulino Leite, publicando no *Correio Mercantil* artigos para tentar ludibriar a opinião pública sobre a verdade do ocorrido: “Por forma alguma é possível ficar impune tão nefando crime praticado à face de um povo ilustre e civilizado que conhecendo a importância de tão bárbaro fato, o deixe passar despercebido pela simples razão de se expor um jornaleiro proclamando a infâmia e a calúnia, próprio de um vil carrasco” (*Cabron*, 1881d). A razão para tal motivação, segundo a matéria, era o “ouro [que] faz com

que se representem as cenas mais revoltantes que se há apresentado pela imprensa” (*Cabron*, 1881d). O artista denunciava que Dias era pago para defender os assassinos de Jeronymo, acusando-o de vender “sua própria consciência” (*Cabron*, 1881d). A mesma acusação foi novamente retomada no periódico, ao apontar a amizade entre Dias e Paulino Leite. O periódico recriava um diálogo entre os dois; o jornalista pedia ao charqueador que abençoasse “esta tintinha”, numa referência ao conteúdo publicado no jornal, o qual responde: “Muito bem Sr. Mondongueiro, mas cuidado com os tais broxados, que em vez de defender-me, compromete-me” (*Cabron*, 1881e).

O periódico não abordou o caso do assassinato somente para se contrapor a Dias; Guerra se posicionou contra a escravidão denunciando os responsáveis e exigindo punição a eles. Assim, as matérias do *Cabron* foram dirigidas não somente contra Antonio Joaquim Dias, como também atacavam as mazelas da sociedade escravista pelotense. O periódico findou sua circulação em junho de 1881, antes que uma punição aos assassinos do escravo fosse imposta. Após a realização de audiências e inquirição de testemunhas, Paulino Leite, seu irmão Antonio Leite, o capataz Manoel Oliveira e três escravos, Antonio, Marcelino e Casemiro, foram acusados de serem os executores dos castigos sofridos pelo escravo (*Diário de Pelotas*, 1881a). Em setembro daquele ano, os escravos foram recolhidos à cadeia, a fim de responderem ao processo, juntamente com o capataz Manoel Oliveira que já estava preso (*Diário de Pelotas*, 1881b). O charqueador e seu irmão permaneceram livres.

Cabe salientar que, embora não possa ser classificado como um pasquim, o *Cabron* apresentou características semelhantes, pois, conforme aponta Sodré (1983, p. 163), o que identificou esse tipo de publicação foi a violência de linguagem. Além disso, o jornalismo brasileiro dos primeiros tempos, amparado pela liberdade de imprensa, foi assinalado por uma linguagem coloquial, fazendo com que o debate “[...] alcançasse níveis de violência que incluíam o insulto, o palavrão, os ataques pessoais, as descrições deturpadas de aspectos morais ou físicos, e até a agressão corporal” (Lustosa, 2000, p. 16). Essa violência verbal ocorreu, sobretudo, após o desligamento de Eduardo Chapon da sociedade.

Encontrando-se sozinho na veiculação do jornal, Guerra não encontrou limites para suas sátiras, o que o levou, provavelmente, a perder assinantes e esse fato, conseqüentemente, colaborou para o término do jornal. Exemplar dessa situação é uma notícia, veiculada em 01 de maio de 1881, que tratava de um assinante e do seu medo de aparecer caricaturado no periódico: “A redação do *Cabron* agradece *respeitosamente* ao Sr. Meirelles Junior três números da dita folha que lhe pertencem,



**Figura 4.** O assassinato do escravo Jeronymo. Legendas: (Na lápide) Aqui jaz o infeliz Jeronymo vítima do cancro social que civiliza o nosso país. E ainda há miseráveis que se prestam a defesa!... (Na mão do homem do canto direito) Correio Mercantil defensor perpétuo de infâmias.

**Figure 4.** The murder of slave Jeronymo. Captions: (in the gravestone) Here lies the unfortunate Jeronymo victim of the cancer that civilizes our country. And there are more pitiful men that defend us!... (On the hand of the man on the right) Correio Mercantil perpetual defensor of the outrage. Fonte: *Cabron* (1881k, p. 1). Acervo: Biblioteca Pública Pelotense/Pelotas-RS.

os quais S.S. não se dignou recebê-los”. Na seqüência, Guerra relatava que o assinante pagava, mas não queria o jornal, “porque dele tinha medo”. Para o caricaturista isso foi uma “surpresa inesperada”, visto que ele nunca teve pretensão de infundir o “terror as pessoas que nos favorecem” (*Cabrion*, 1881f). No entanto, no número seguinte, o assinante é chamado de “Sr. Piá Meirelles” e é acusado de não pagar uma dívida de 30 réis, referente à assinatura do jornal. Afirmava ao assinante que “são bagatelas” e pedia ao mesmo que não espalhasse uma vez “que impomos a que assinem o *Cabrion*, nem tão pouco ameaçamos descompor ninguém” (*Cabrion*, 1881g). Essa prerrogativa não se confirmava, uma vez que as ameaças aos devedores foram uma constante. Essa situação, associada às caricaturas e à parte textual referentes à redação do *Marui* e a Antonio Joaquim Dias, permite interpretar a posição abertamente crítica e polêmica defendida por Eduardo Guerra, o que o transformava num homem corajoso que expunha o que pensava, mas que, ao mesmo tempo, contribuiu para transformá-lo numa pessoa aterrorizante!

Nos últimos números do periódico, Guerra solicitava aos assinantes que saldassem de imediato suas dívidas, sob “pena de termos que nos lembrar algumas vezes de SS. SS. por ocasião de alguma ferroada” (*Cabrion*, 1881h). Para tentar solucionar o problema das dívidas um cobrador foi contratado. Ao anunciar a visita que os devedores (de assinaturas) do Jornal iriam receber, o redator avisava que aqueles que não pagassem, poderiam ver “seus nomes em letrinha bem redonda” (*Cabrion*, 1881f). A ameaça retornou alguns números depois, na primeira página, com a ilustração de uma lousa e o aviso: “Srs. Remissos, definitivamente principiamos no número seguinte a escrever-lhes os nomes nesta lousa” (*Cabrion*, 1881i). De fato, no número seguinte apareceram, não os nomes, mas as iniciais de sete devedores. Este foi o último número encontrado do periódico. Neste e no anterior, Eduardo Guerra declarou que o “*Cabrion* passa otimamente de saúde” e “a redação do *Cabrion* continua a passar regularmente bem de saúde, etc. e etc.” (*Cabrion*, 1881i, 1881j, respectivamente). Essas declarações são bastante intrigantes, uma vez que, provavelmente, Guerra já estava contratado para trabalhar em Porto Alegre no periódico *O Século*. Dessa vez, optou por não se despedir do público pelotense, como havia feito anteriormente na suposta mudança do periódico para a capital, quando findou a sociedade com Chapon. As dívidas dos assinantes podem ter influenciado o caricaturista a passar essa visão

de serenidade, pois, se ele divulgasse que o periódico seria em breve encerrado, os devedores poderiam não pagar as assinaturas atrasadas.

## Considerações finais

A história da imprensa ilustrada pelotense está ligada à história do jornalismo brasileiro. A análise da participação de Eduardo Guerra e as suas ilustrações no *Cabrion* são exemplos disso. É possível apontar que as técnicas empregadas na confecção do periódico se assemelharam àquelas de outros jornais ilustrados, mais conhecidos na época em que circularam. Um exemplo é a *Revista Ilustrada*, publicada e concebida por Angelo Agostini, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1876 e 1888 e mantida até 1898. Apesar de a maioria das publicações ilustradas terem se concentrado na Corte, uma parte desses periódicos foi distribuída em outras localidades, servindo como modelo para as novas publicações. Em outras palavras, a *Revista Ilustrada*, assim como outros jornais do gênero, chegaram à cidade pelos navios, por exemplo, e inspiraram os artistas locais. Pelotas foi incluída na geografia dos focos do impresso que, além do Rio de Janeiro e de algumas capitais do Império, abrangia, na Província do Rio Grande do Sul, a capital Porto Alegre e a vizinha Rio Grande.

Sobre a trajetória de Eduardo de Araújo Guerra, as informações foram escassas. Foi apurado que ele tinha um irmão em Rio Grande, chamado José Antonio de Araújo Guerra, o qual foi agente da folha naquela cidade no ano de 1879 (*Cabrion*, 1879e). Após se retirar de Pelotas, seguiu para Porto Alegre, atuando primeiro no *O Século*, de Miguel de Werna, com quem teve uma relação tumultuada, que ocasionou sua saída para lançar, de sua propriedade, *A Lente*. O novo periódico não obteve o sucesso esperado e o artista levou seu lápis para um novo destino, São Paulo, continuando como caricaturista em *A Platéia*, lançada e dirigida por ele, pelo menos, até 1912<sup>9</sup>.

Apesar dos dados esparsos, Eduardo Guerra foi um hábil artista. Notabilizou-se pelas polêmicas com outros caricaturistas e com o jornalista Antonio Joaquim Dias, mas soube demonstrar no *Cabrion* sua habilidade na arte da caricatura. Soube abordar e criticar os seus adversários com humor na confecção de seus desenhos satíricos. Ferreira (1964, p. 201) afirma que ele era um “caricaturista nato”, contudo, a análise de sua trajetória artística revelou que ele foi mais do que apenas um caricaturista, vale considerar que ele também foi um jornalista polêmico, retratista e ilustrador, adjetivos que o identificam como um artista do lápis.

<sup>9</sup> Essa informação foi encontrada na revista do 1º Centenário de Pelotas, publicada em 1912. O organizador da revista, João Simões Lopes Neto, fez uma pequena referência ao jornal *Cabrion* e aos seus proprietários. Ao comentar sobre Eduardo de Araújo Guerra, afirmou que ele ainda possuía, em São Paulo, o seu periódico *A Platea*.

## Referências

- ANDRADE, J.M.F. 2004. *História da fotoreportagem no Brasil. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro, Elsevier/Campus/Edições Biblioteca Nacional, 281 p.
- BALABAN, M. 2005. *Poeta do lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. Campinas, SP. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 361 p.
- BARBOSA, M. 2007. *História cultural da imprensa. Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro, Mauad, 262 p.
- CAGNIN, A.L. 2005. *Foi o Diabo! Cabrião*. São Paulo, EDUSP. (Edição Fac-similar).
- FERREIRA, A.D. 1971. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 520 p.
- FERREIRA, A.D. 1964. *Imprensa Caricada do Rio Grande do Sul no Século XIX*. Porto Alegre, Editora Globo, 232 p.
- LEITE, S.H.T. 1996. *Chapéus de Palha, panamás, plumas, cartolas. A caricatura na literatura paulista. 1900-1920*. São Paulo, Editora da UNESP, 253 p.
- LIMA, H. 1963. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 407 p.
- LONER, B.A. 1998. Jornais diários na República Velha. *Ecos Revista*, 2(1):5-34.
- LOPES, A.E.M. 2007. Traços da República: representações da Proclamação nas páginas do periódico ilustrado *A Ventarola*. *História em Revista*, 12/13:29-59.
- LUSTOSA, I. 2000. *Insultos Impressos. A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo, Companhia das Letras, 497 p.
- MACHADO, H. 2006. Imprensa e identidade do ex-escravo no contexto pós-abolição. In: M.L.B NEVES; M. MOREL; T.M.B. FERREIRA, *História e imprensa. Representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro, DP&A/FAPERJ, p. 142-152.
- MARTINS, A.L. 2001. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de república. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo, Imprensa Oficial, 593 p.
- MARTINS, A.; LUCA, T.R. de. 2008. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, Contexto, 303 p.
- MEYER, M. 1996. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 474 p.
- SALIBA, E.T. 2002. *Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo, Companhia das Letras, 366 p.
- SODRÉ, N.W. 1983. *História da imprensa no Brasil*. 3ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 501 p.
- SUE, E. 1991. *Les mysteres de Paris*. Paris, Robert Lefort, 1367 p.
- TEIXEIRA, L.G.S. 2001. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 63 p.

## Fontes primárias

- A DISCUSSÃO. 1881. 4 jun., p. 2.
- CABRION. 1879a. 21 dez., p. 2.
- CABRION. 1879b. 3 fev., p. 2-3.
- CABRION. 1879c. 10 fev., p. 2.
- CABRION. 1879d. 24 fev., p. 2.
- CABRION. 1879e. 24 jan., p. 7.
- CABRION. 1880a. 20 jun., p. 2.
- CABRION. 1880b. 25 jul., p. 2.
- CABRION. 1880c. 15 fev., p. 2.
- CABRION. 1880d. 22 fev., p. 2.
- CABRION. 1880e. 7 mar., p. 2-3.
- CABRION. 1880f. Nº 57, 3 mar., p. 8.
- CABRION. 1880g. Nº 67, 16 mai., p. 3.
- CABRION. 1881a. 16 jan., p. 2.
- CABRION. 1881b. 23 jan., p. 2-3.
- CABRION. 1881c. 24 jan., p. 2.
- CABRION. 1881d. 10 abr., p. 2.
- CABRION. 1881e. 8 mai., p. 2.
- CABRION. 1881f. 1 mai., p. 2.
- CABRION. 1881g. 8 mai., p. 2.
- CABRION. 1881h. 6 mar., p. 2.
- CABRION. 1881i. 19 jun., p. 2.
- CABRION. 1881j. 24 jun., p. 2.
- CABRION. 1881k. Nº 114, 3 abr., p. 1.
- DIÁRIO DE PELOTAS. 1881a. 26 jun., p. 1.
- DIÁRIO DE PELOTAS. 1881b. 2 set., p. 2.
- MARUI. 1880. 9 mai., p. 3.

Submetido em: 03/12/2008

Aceito em: 06/05/2009

Aristeu Elisandro Machado Lopes  
 Universidade Federal do Rio Grande  
 Instituto de Ciências Humanas e da Informação  
 Campus Carreiros  
 Avenida Itália, Km 8, Bairro Carreiros  
 96201-900, Rio Grande, RS, Brasil